

# PASTORAL DA Terra

## RESISTÊNCIAS

No ano do fogo,  
brigadas resistem na  
proteção dos territórios  
e da biodiversidade P7

## 50 ANOS

CPT abre as portas  
para seu V Congresso  
Nacional, em julho,  
no Maranhão P10

JANEIRO A MARÇO DE 2025 | Nº 266 | ANO 50 | WWW.CPTNACIONAL.ORG.BR | f @ CPTNACIONAL



### CAMPANHA DA FRATERNIDADE

# "Fraternidade e Ecologia Integral"

## Uma chamada alarmante para o cuidado com a Criação

Pela nona vez, o tema da Ecologia é tratado na Campanha da CNBB, em um contexto de crise socioambiental e da urgência de mudanças nos modos de vida, consumo e produção no mundo P. 8 e 9



Júlia Barbosa

## DA REDAÇÃO

## EDITORIAL

## Nossa Casa Comum pede socorro

Companheiras e companheiros, entramos em 2025 tocadas e tocados pelo chamado da Campanha da Fraternidade quanto ao cuidado com a nossa Casa Comum. A natureza pede socorro diante de tantas crises - climática, socioambiental, hídrica, de alimentos e outras, causadas por modos de produção destrutivos, pelos incêndios criminosos e pelo desmatamento. Crises sofridas principalmente pelos povos e comunidades que mais cuidam do meio ambiente, e que mais têm a ensinar sobre preservação e restauração, e injustamente são as mais vulneráveis.

É tempo de continuar denunciando as injustiças cometidas contra essas populações que lutam por dignidade e direito a viver, produzir e usufruir da terra, do território e do trabalho, de forma digna e justa. Para isto, apresentamos o alarmante avanço dos agrotóxicos pelas comunidades rurais, a partir da utilização de meios ainda mais danosos pela proximidade das escolas, habitações e fontes de água (os drones), um uso facilitado pela frouxidão das leis e vivenciado em todas as partes do país.

É tempo também de celebrar a resistência campo-

nesa, quilombola, indígena, ribeirinha e de tantos povos que teimam em lutar e defender sua dignidade, seu chão. Esta resistência está no exemplo de Elizabeth Teixeira, que chega ao centenário de uma vida de luta pela reforma agrária. Está na memória de Dorothy Stang, que mesmo após 20 anos de seu martírio, continua sendo semente, mobilizando os povos da floresta. Está na mobilização dos povos indígenas, quilombolas e camponeses do Pará, em defesa da educação do campo e no contraponto à alardeada COP 30. Está na articulação dos povos e co-

munidades em suas teias, redes e redários. Está nas mulheres que se encontram, partilham suas dores, alegrias e vitórias, clamando contra a violência e o assédio e tecendo fios de esperança.

Também é tempo de Jubileu: tempo de se preparar para o V Congresso da CPT, de sermos inspiradas e inspirados por esse momento tão especial de encontro, partilha e reencantamento. Tempo de avaliar a caminhada, ir até nossas fontes e raízes, ouvir os povos e comunidades e olhar para frente.

Boa leitura!

## PUBLICAÇÕES

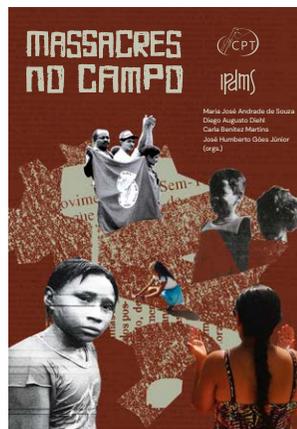


Divulgação

Teto e Território' retrata a trajetória do padre Severino Leite Diniz, da CPT São Paulo. O profeta peregrinou por terras do norte e nordeste do Brasil, na luta por uma terra sem males e pelo direito à moradia, na organização de assentamentos e no caminho das Romarias da Terra. A recém-lançada obra de Canuto remonta o comprometimento de Severino com as organizações e movimentos da luta popular. É possível adquirir o livro pela Loja Virtual da CPT, disponível no link: <https://mla.bs/ac8a38ea>

## Peregrino por Terra, Teto e Trabalho

Lançado um mês após a páscoa de Antônio Canuto – membro histórico, escritor e comunicador da CPT –, o livro 'Peregrino por Terra,



Divulgação

## Massacres no Campo

A CPT – em parceria com o Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS) – lançou, em agosto de 2024, a publi-

cação "Massacres no Campo", que tem o objetivo de denunciar a impunidade no julgamento de mandantes e executores por crimes contra trabalhadores e trabalhadoras rurais. Mais de uma dezena de pesquisadores do IPDMS, por meio de dados históricos do registro da Pastoral, se debruçaram sobre os casos de assassinatos e violência no campo, além de analisar 34 edições do relatório Conflitos no Campo Brasil – entre 1985 e 2019.

Baixe gratuitamente pelo link: <https://mla.bs/4d-c90d9a>



## PASTORAL DA Terra

É uma publicação da Comissão Pastoral da Terra – ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

**Secretaria Nacional**  
Rua 19, nº 35, ed. Dom Abel,  
1º andar, Centro, Goiânia, Goiás  
CEP: 74030-090  
Fone: (62) 4008-6466  
Fax: (62) 4008-6405  
[www.cptnacional.org.br](http://www.cptnacional.org.br)  
[comunicacao@cptnacional.org.br](mailto:comunicacao@cptnacional.org.br)

**Presidente**  
Dom José Ionilton

**Vice-Presidente**  
Dom Sílvio Guterres

**Coordenadores Nacionais**  
Carlos Lima  
Cecília Gomes  
Ronilson Costa  
Maria Petronila Neto

**Redação**  
Carlos Henrique Silva (5197/PE)  
Heloisa Sousa (4499/GO)  
Júlia Barbosa (4505/GO)  
Rede de Comunicadores/as da CPT

**Jornalista responsável**  
Carlos Henrique Silva (5197/PE)

**Impressão**  
Gráfica e Editora América Ltda.

**Diagramação**  
Refile Editorial - Vinicius Pontes  
[www.refileeditorial.com](http://www.refileeditorial.com)

**Assinaturas**  
Anual R\$ 30,00 Solidária R\$ 50,00  
Dados para depósito ou transferência:  
Caixa Econômica Federal  
Agência 2234  
Conta 578974105-0  
CNPJ 02.375.913/0001-18  
Iban BR49 0036 0305 0223 4578 9741  
050C 1  
SWIFT CEFXBRSP  
Pix: 02.375.913/0001-18  
Contato:  
[sustentabilidade@cptnacional.org.br](mailto:sustentabilidade@cptnacional.org.br)

**Razão Social**  
Comissão Pastoral da Terra

**CNPJ / PIX**  
02.375.913/0001-18

**Informações**  
[cpt@cptnacional.org.br](mailto:cpt@cptnacional.org.br)

**Tiragem**  
2.000 exemplares

**Apoio**



FIQUE INFORMADO

## Ministério da Justiça declara posse de Terra Indígena ao povo Munduruku



Tiago Miotto/Cimi

Funai comprovou a ocupação histórica do povo Munduruku na área

O Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) assinou, em setembro de 2024, a Portaria Declaratória da Terra Indígena (TI) Sawré Muybu, localizada no Pará, pertencente ao povo Munduruku. O ato reconhece o trabalho da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), que comprovou a ocupação tradicional das áreas pelos povos indígenas na identificação e delimitação da TI.

“Cada avanço nas etapas de regularização das terras é muito importante para todos os povos indígenas do Brasil. Isso sinaliza e confirma o compromisso do Governo Federal com os povos Indígenas”, celebrou a presidenta da Funai, Joenia Wapichana.

Localizada nos municípios de Itaituba e Trairão, no Pará, a TI Sawré Muybu abrange uma área de mais de 178 mil hectares. Na fase de identificação de delimitação, a Funai

demonstrou a ocupação histórica e ininterrupta dos Munduruku na região onde hoje se localiza a TI, desde o século XVIII até os dias atuais. Mesmo com a presença de grupos maiores que se estabeleceram no local nos anos 2000, os Munduruku mantiveram o vínculo com o território.

“Por meio do estabelecimento de aldeias e de expedições de caça e pesca em diversas trilhas, igarapés e ilhas no interior do perímetro posteriormente delimitado, os Munduruku mantiveram a ocupação tradicional da TI em questão de forma ininterrupta ao longo de todo o século XX. Mesmo com exploração não indígena da área, os indígenas continuaram a estabelecer aldeias provisórias e a exercer atividades tradicionais”, diz o documento da Funai chancelado pelo MJSP.

Fonte: Assessoria de Comunicação/Funai

## Novamente, julgamento de violência contra jovens sem terra é adiado em Rondônia

Nove anos depois, a luta por Justiça parece estar longe de solução para as famílias de Ruan Lucas Hildebrandt – na época, com 18 anos – e Alysson Henrique Lopes – então com 21 anos de idade –, vítimas da violência de latifundiários na Fazenda Tucumã, em Cujubim (RO). Após diversos adiamentos, o julgamento que estava marcado para dezembro de 2024 foi, mais uma vez, suspenso – sem previsão de uma nova data.

Os jovens, além de outros três trabalhadores, faziam parte do acampamento Terra Nossa, que sofreu uma ação de despejo dois dias antes do crime, e voltaram à sede da fazenda para buscar objetos pessoais que



Arquivo CPT Nacional

Alysson foi carbonizado e Ruan segue desaparecido

ficaram para trás. Ao chegarem ao local, não houve diálogo com os seguranças da fazenda e o grupo foi atacado e perseguido por mais de 14 horas.

Três integrantes do grupo de camponeses conseguiram escapar dos ataques, mas os dois jovens acabaram sendo alcançados. O

corpo de Alysson foi encontrado no dia seguinte carbonizado, nas imediações da fazenda e dentro do próprio carro, também queimado. Já o corpo de Ruan nunca foi encontrado, apesar dos esforços da família pelas buscas do desaparecido.

Fonte: Josep Iborra Plans (CPT Rondônia)

## Festival comemora o centenário de Elizabeth Teixeira no dia 13 de fevereiro

Entre 13 e 15 de fevereiro, aconteceu em Sapé (PB) o Festival Cultural da Memória Camponesa, em celebração ao centenário de Elizabeth Teixeira – importante liderança camponesa e símbolo de resistência e luta pela terra. O evento contou com programações culturais e políticas, a fim de honrar o legado de Elizabeth Teixeira.

Nascida em 13 de fevereiro de 1925, na comunidade de Antas do Sono, em

Sapé, Elizabeth teve a mãe de origem latifundiária e o pai vindo de uma família de pequenos proprietários de terras.

Após o assassinato do marido, João Pedro Teixeira, ela assumiu a presidência da Liga Camponesa de Sapé e, depois, a Liga no Estado. Elizabeth não se curvou às ameaças dos latifundiários e deu continuidade à luta por trabalho digno, reforma agrária e justiça no campo.

Presas várias vezes e perseguida pela ditadura e por jagunços, a liderança camponesa teve que ir para a clandestinidade, tendo que ficar escondida com outro nome e separada da maioria dos seus 11 filhos. Até hoje, Elizabeth mantém sua convicção na necessidade da reforma agrária e na melhoria de vida do homem e da mulher do campo.

Fonte: Mídia Ninja

## MOVIMENTOS

## MEMÓRIA

## O legado de Dorothy Stang, 20 anos após o seu martírio

Programação marcada por celebrações resgatou a memória da religiosa e agente da CPT, que fez da sua vida uma entrega em defesa das comunidades mais pobres e da preservação da floresta

**Jucelene Rocha**

(Comunicação Cepast/CNBB)

**Carlos Henrique Silva**

(Comunicação CPT Nacional)

comunicacao@cptnacional.org.br

“Quero trabalhar entre os pobres mais pobres”. A frase de irmã Dorothy Stang foi lembrada na manhã de 12 de fevereiro pelo bispo emérito do Xingu, Dom Erwin Kräutler ao celebrar a memória dos 20 anos do martírio da religiosa assassinada com seis tiros, a mando do fazendeiro Regivaldo Pereira Galvão, numa estrada de terra de difícil acesso a 53 quilômetros de Anapu (PA).

A programação celebrou o legado e a memória da missionária que doou a vida na luta em defesa dos povos e comunidades originários e tradicionais, vítimas dos conflitos fundiários, especialmente no estado do Pará e em toda a região Norte do país.

“Lembro-me como se fosse ontem da dor que invadiu meu coração quando, por telefone, recebi a notícia de que a irmã Dorothy foi assassinada. Lembro-me da Santa Missa de Corpo Presente que celebrei na Igreja da Imaculada, em Altamira. Jamais posso esquecer o semblante do povo que participou. Homens e mulheres consternados, assombrados,



Durante a missa na Igreja de Santa Luzia, a comunidade exibiu cartazes que representam os legados de Dorothy para Anapu

apavorados, sem poder acreditar no que aconteceu, sem entender toda essa crueldade”.

Dom Erwin fez memória também dos primeiros contatos que teve com a missionária: “‘Quero trabalhar entre os pobres mais pobres’”. Respon-di que seu desejo, mesmo que seja muito nobre, não era tão fácil de se concretizar. Pensei na Transamazônica-Leste. Anapu ainda não era município. Malária, fome, violência, falta de assistência e transporte foram apenas alguns dos ingredientes na vida de quem lá chegava pensando que iria encontrar um novo Eldorado. Dorothy simplesmente me pediu: ‘Por favor, me deixe experimentar!’. E ela ‘experimentou’ essa vida vivida com os pobres”, relata dom Erwin.

A missa foi uma iniciativa das irmãs de Notre Dame que dão continuidade à caminhada empreendida com fé e ousadia profética pela irmã Dorothy e suas primeiras companheiras na missão em Anapu. Após a celebração, houve almoço comunitário aberto a todas as pessoas que se achegaram em comunhão.

#### Uma mártir na luta pela floresta

Estadunidense naturalizada no Brasil, Dorothy Mae Stang chegou ao país em 1966 e atuou na região amazônica desde os anos 1970, onde também integrou a CPT em Marabá/PA, se tornando uma referência na luta pelo direito à terra e pela preservação do meio ambiente. Ajudando a

desenvolver projetos de renda junto a famílias camponesas como a colheita de madeira sem destruir a floresta, Dorothy recebia ameaças por estar em uma área disputada por madeireiros e latifundiários, mas não se deixava intimidar: “Não vou fugir e nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade sem devastar”.

Membro da mesma Congregação de Dorothy e também agente da CPT, a irmã Jane Dwyer lembra que Dorothy tinha os bolsos sempre cheios de sementes. “Hoje, onde quer que eu vá, ouço dizer: ‘ganhei esta planta de ca-

cau da Dorothy’; ‘esta palmeira é da Dorothy’. Os pobres levaram-na no coração”, afirma Jane, hoje, com 84 anos, que continua a missão ao lado de outras irmãs.

Dom João Muniz, bispo da Diocese Xingu-Altamira/PA, classifica o legado missionário de Irmã Dorothy na região do Xingu como fecundo e próspero: “Os frutos da ação missionária de Irmã Dorothy continuam vivos e animando as novas gerações a defender a vida, os pobres e o meio ambiente. Dorothy vive na história e na luta do povo, na caminhada das CEBs e Romarias da Floresta, na literatura de cordel, na Escola de Fé e Cidadania, no coração e na vida do povo que busca seus direitos e luta pela ecologia integral.”

Em Belém, o Comitê Dorothy também promoveu ações em parceria com diversos movimentos e entidades, com o objetivo de celebrar a memória de Dorothy e ecoar sua luta em defesa da Amazônia e seus povos. Uma das principais atividades foi o cine debate “Vida, luta e martírio de Dorothy Stang”, levado para as universidades federal e estadual do Pará, escolas e movimentos sociais. Um ato inter-religioso também marcou a programação no exato dia e hora em que aconteceu o assassinato.

Diocese de Altamira/Xingu

## AGROTÓXICOS

## LEGISLAÇÃO

# Pulverização de veneno por drones agrava ameaça às comunidades rurais

Legislação frágil favorece o registro e o uso dos equipamentos, que têm custo menor e alcance mais próximo das lavouras, residências e escolas, na tentativa de expulsar as famílias de seus territórios

**Carlos Henrique Silva**

comunicacao@cptnacional.org.br

Único estado brasileiro a proibir em lei a pulverização de agrotóxicos aérea por aviões, o Ceará deu passos para trás ao autorizar, através de lei aprovada na Assembleia Legislativa e sancionada pelo governador, a pulverização aérea de agrotóxicos por meio de aeronaves remotamente pilotadas, popularmente conhecidas como drones. Na prática, a mudança alterou a Lei Zé Maria do Tomé, de 2021, que proibia a pulverização aérea de agrotóxicos, e que fez do Ceará o primeiro estado brasileiro a definir este tipo de proibição. A lei leva o nome do agricultor e defensor dos direitos humanos José Maria Filho, assassinado por lutar contra a pulverização aérea de agrotóxicos.

Já no Maranhão, o ano iniciou com o mesmo perigo causado pelos ataques criminosos de agrotóxicos lançados por drone contra as comunidades tradicionais. Em janeiro, a comunidade Curva, no município de São Mateus, foi alvo de pulverização de veneno por parte de fazendeiros vizinhos, que com o pretexto de matar “ervas daninhas”, colocaram a perder plantações de feijão, árvores fru-



Wenderson Areujo/Tritlux

Avanço do uso de drones no campo fez disparar o número de denúncias de contaminação por agrotóxicos, com destaque para o Maranhão

tíferas e outras leguminosas das famílias que dependem dessas terras para sobreviver, e estão agora à mercê da insegurança alimentar. As famílias apontam que o responsável pelo ataque tem utilizado de forma indiscriminada desta prática, tentando expulsá-las de seus territórios tradicionais.

Infelizmente, esse não é um caso isolado. Em 2024, 231 comunidades de 35 municípios maranhenses foram vitimadas pela pulverização aérea de agrotóxicos, segundo levantamento da Rede de Agroecologia do Maranhão (Rama), Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Maranhão

(Fetaema) e Laboratório de Extensão, Pesquisa e Ensino de Geografia da Universidade Federal do Maranhão (LEPENG/UFMA). O impacto vai muito além das lavouras: poços, riachos e rios são contaminados, peixes morrem, animais adoecem e pessoas são intoxicadas.

Segundo dados da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), o número de registros de drones no ramo de atividade “Pulverização e aplicação de outros insumos - Aeroagrícola” saltou de 674 para 7.312 entre janeiro de 2023 e janeiro de 2025.

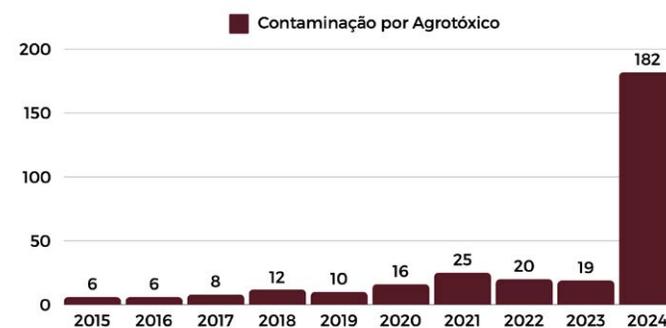
**Um semestre de records na “chuva de veneno”**

De acordo com os dados parciais de conflitos no campo do primeiro semestre de 2024, divulgados pela CPT, dos 182 registros de contaminação de comunidades por agrotóxicos, 156 foram no Maranhão. A incidência desse tipo de caso aumentou quase dez vezes em relação ao mesmo período de 2023, quando 19 ocorrências foram registradas. Este tipo de violência, em específico, está inserido nos conflitos pela terra, pela água e na violência contra a pessoa.

“A pulverização aérea de agrotóxico tem impactado diretamente nos corpos físicos, nos corpos espirituais e emocionais das comunidades e seus territórios sagrados, de onde as comunidades retiram os seus alimentos, e aí a gente está falando de uma ameaça à segurança alimentar das comunidades tradicionais do Maranhão. É mui-

to grave e preocupante, porque vem aumentando os números de registros dessa violência sobre as comunidades tradicionais”, afirma Márcia Palhano, da coordenação regional da CPT/MA.

No Território Alegria, em Timbiras, relatos semelhantes mostram que o veneno contamina não só a terra, mas a dignidade de quem resiste para permanecer em seus territórios. Em algumas comunidades, se verifica que o campo de soja fica a menos de dez metros das moradias, escancarando o descaso com a saúde das famílias e o meio ambiente. Mesmo com a proibição da aplicação aérea de agrotóxicos a menos de 20 metros de povoações (o que já é uma distância altamente perigosa), os equipamentos são usados pelo agronegócio de forma irregular, burlando a legislação já frágil e atentando contra toda a vida no seu entorno.



## TRABALHO ESCRAVO

### DIGNIDADE

# Como se fosse da família... Escravidão não acabou. Abra o olho!

A luta contra o trabalho escravo é também a luta em defesa dos povos, dos territórios e da Casa Comum. É preciso abrir o olho, denunciar e desnaturalizar a miséria e a exploração.

#### Frei Xavier Plassat

Membro da coordenação da Campanha De Olho Aberto Para Não Virar Escravo

Edição: Heloisa Sousa

Nos últimos 4 anos, o Brasil encontrou 10,5 mil pessoas na condição de escravo, em todos os estados (fora Amapá) e nas mais variadas atividades: agronegócio (5 mil; destaque: cana e café), construção, desmatamento e pecuária, carvoaria, mineração... E trabalho doméstico (132!).

Voltamos, desde 2021, à marca de 2.500 libertações anuais, um nível nunca alcançado há 8 anos (antes, desde 2014, era “apenas” 1.000 por ano). O destaque regional vai para MG, GO, SP e RS, seguidos por BA, MS, PI e MA. Com número final próximo a 2.200 resgates, o ano de 2024 foi impactado pela paralisação da Auditoria Fiscal do Trabalho. No fim do ano, pela 1ª vez em 11 anos, abriu um concurso para 900 novas vagas de AFT: um pequeno remédio frente ao enorme déficit acumulado.

Tem empregador achando ‘natural’ ter alguém a seu serviço na condição de escravo: trabalhador pobre, ou ‘aquele homem rude do campo’, não precisaria das benesses exigidas pela lei. Para eles, condição degradante seria o eterno normal.

Descabidas narrativas são inventadas por patrões para justificar sua prática criminosa. Uma delas é que a pessoa escravizada estaria ali ‘como se fosse da família’. Assim aconteceu no caso vergonhoso da Sra. Sônia Maria de Jesus, empregada doméstica que seu patrão, desembargador de justiça em Florianópolis (SC), retomou para a sua residência e mantém isolada há 15 meses, mesmo depois de ela ter sido resgatada (de 40 anos de servidão doméstica!). Mulher negra, com deficiência auditiva grave, Sônia ainda permanece longe do convívio de sua família natural. Pior: o ‘des-resgate’ teve anuência das Cortes Superiores, onde o escravocrata goza de foro privilegiado.

Muitos aproveitadores estão lucrando com a miséria



Sônia Maria de Jesus permanece na residência do desembargador enquanto sua família luta por sua liberdade.

alheia. Empurrada pela pressão, muita gente busca desesperadamente um serviço, por pior que seja, e o trabalho escravo passa a ter cara de “normalidade”.

Se não tivermos coragem de denunciar tamanha violência, tais situações ficam na invisibilidade, como ocorre em várias regiões, principalmente do norte do Brasil (pois é: como imaginar que, onde grassam grilagem, despejo, desmatamento ou mineração ilegal, não há também trabalho escravo em

grande proporção?).

Naturalizadas, miséria, ganância e impunidade alimentam um ciclo perverso. O crime do trabalho escravo tem tudo a ver com violações de direitos básicos: à terra, à educação de qualidade, à saúde e ao ambiente saudável. Quatro em cada cinco pessoas escravizadas no Brasil são de cor parda ou preta. Por que será?

Nossa omissão acaba conspirando com essa situação lamentável. Mas, ao contrário, quando abrimos o olho, denun-

ciando a violência e exigimos as devidas políticas públicas, colaboramos com a eliminação do trabalho escravo.

Nos 30 anos da criação do Grupo Móvel de Fiscalização, a CPT vive seu próprio jubileu: 50 anos de compromisso com os povos da terra e suas causas. No seu dia nacional, 28 de janeiro (memória da Chacina de Unai), saudamos a firme atuação dos Auditores Fiscais do Trabalho e renovamos nosso compromisso de seguir firmes nessa luta. Sonia livre!

## EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

## RESISTÊNCIAS

# No ano do fogo, brigadas resistem na proteção dos territórios e da biodiversidade

Dos incêndios computados pelo Cedoc-CPT no primeiro semestre de 2024, 85% tiveram agente causador identificado, sendo que metade deles eram fazendeiros

**Heloisa Sousa**

heloisa@cptnacional.org.br

Em agosto de 2019, uma série de incêndios florestais coordenados por pecuaristas e grileiros do Pará, com objetivo de desmatar áreas da Amazônia para pastagem, chamou a atenção do Brasil no que ficou conhecido como “Dia do Fogo”.

Em agosto de 2024, novamente, o País foi tomado pelo fogo e pela fumaça. Dessa vez, nos dias 22 e 23 de agosto, a ação orquestrada por fazendeiros ocorreu no interior de São Paulo. Esses incêndios se somam a outros milhares que atingiram o Brasil no último ano, afetando a população dos centros urbanos e diversas comunidades no campo, deixando cicatrizes nos territórios.

Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que, em 2024, 278.299 incêndios florestais foram identificados, número mais alto desde 2010. O uso do fogo, comumente utilizado pelo agronegócio para abrir áreas para monocultivo e pastagem, e as mudanças climáticas, que tem intensificado os períodos de seca, são fatores que contribuem para o aumento desse número.

Além disso, há os incêndios criminosos nos territórios, provo-

cados contra as comunidades. De 2019 a 2023, o Centro de Documentação Dom Tomás Balduino (Cedoc-CPT) registrou 644 incêndios provocados em contexto de conflitos no campo. No ano passado, o brigadista Uellington Lopes morreu em Mato Grosso combatendo um incêndio na T.I. Capoto/Jarinã. Também em 2024, o brigadista Sidney de Oliveira foi assassinado, em Tocantins, após sofrer diversas ameaças de fazendeiros e grileiros da região devido ao seu trabalho no combate aos incêndios.

## Ferramenta ancestral

O fogo está presente na vida dos povos como aliado em seus processos de preparo dos roçados, controle de pragas, rebrota de pastagens nativas e até para extração do mel de abelha. Diferente do agronegócio, a utilização do fogo pelas comunidades se dá por meio do conhecimento ancestral.

“O agro usa o fogo para desmatamento e também no processo de expansão da grilagem de terra e da pecuária. Então eles acabam não controlando o fogo, o que é diferente das comunidades que utilizam o fogo de forma controlada” explica Jaqueline Vaz, coordenadora da Articulação Agro é Fogo. “O fogo do



Além do trabalho de prevenção e combate do fogo, a cobrança ao Governo Federal para que haja fiscalização e punição aos incendiários é destacada pela Agro é Fogo como importante medida

agro é feito em períodos de estiagem, eles não têm essa responsabilidade e esse fogo acaba se alastrando e provocando os incêndios”, completa.

Mesaque Rocha, morador da aldeia Alves de Barros, T.I. Kadiwéu, localizada no município de Porto Murtinho (MS), é brigadista desde 2013 e conta que a fumaça e a fuligem dos incêndios criminosos próximos à comunidade têm provocado diversos transtornos. “Há um acúmulo de fumaça em cima da comunidade, que fica bem no pé de uma serra. Essa serra retém a fumaça e isso aumenta a quantidade de doenças respiratórias

João Paulo Guimarães

danças climáticas, assim, a conscientização é fundamental.

“A brigada que existe dentro do T.I. Kadiwéu é contratada pelo PrevFogo Ibama somente no período crítico, de junho a novembro ou de julho a dezembro. Mas, como somos moradores da comunidade, a gente atua fora desse período conversando com a comunidade para orientar sobre o uso do fogo”, relata o brigadista.

Desde 2019, a brigada vem trabalhando no mecanismo de defesa conhecido como queima prescrita, que consiste no manejo de locais com maior acúmulo de biocombustível. Fazendo a queima antecipada desses locais, se formam barreiras e mosaicos verdes que servem de abrigos para os animais e refúgio caso ocorra um incêndio.

Essas atuações resultaram, em 2021, na criação da Associação dos Brigadistas Indígenas da Nação Kadiwéu (Abink), que conta com projetos de preservação de nascentes e produção de mudas. “Através da associação, conseguimos alguns equipamentos que a gente utiliza na brigada e também um projeto em parceria com o Instituto Terra Brasilis para montar uma sala de situação com câmeras de monitoramento dos incêndios no território Kadiwéu”, completa.

na comunidade”. Ele destaca também a grande distância até a cidade, que dificulta o tratamento das doenças decorrentes dos incêndios.

## Guardiões da biodiversidade

Além dos danos físicos aos moradores das comunidades, há os danos na biodiversidade, muitas vezes, irreversíveis, como a perda do patrimônio genético. Por isso, além de apagar o fogo, os brigadistas realizam ações de educação ambiental nos territórios. Mesaque conta que, mesmo nas comunidades, a utilização do fogo se modificou nos últimos anos em decorrência das mu-

## PRESERVAÇÃO

# Uma chamada alarmante pa

Pela nona vez, o tema da Ecologia é tratado na Campanha da Fraternidade da CNBB, em um contexto de crise socioambiental e de urgência de uma alteração nos modos de vida, consumo e produção no mundo

**Carlos Henrique Silva,**

(Comunicação CPT Nacional), com colaboração de **Pe. Dário Bossi** (membro da Comissão para a Ecologia Integral e Mineração da CNBB) [comunicacao@cptnacional.org.br](mailto:comunicacao@cptnacional.org.br)

Muito além de uma homilia ou discurso que busque aterrorizar fiéis, a Campanha da Fraternidade 2025 chega com o objetivo de chamar a atenção sobre uma situação que necessita de conversão ecológica urgente na sociedade, em vista do bem de todos: a sobrevivência do planeta e dos seres vivos que nele habitam.

Com o tema Fraternidade e Ecologia Integral - “Deus viu que tudo era muito bom (Gênesis 1,31)”, a pauta é o cuidado com a Criação e com os seres humanos, especialmente nas comunidades mais vulneráveis às grandes mudanças climáticas, que não são mais parte de um futuro, mas um presente de crises já sentidas através do aumento da temperatura, das grandes enchentes, secas e fumaça que cobrem as cidades e os campos, da mineração e dos venenos dos agrotóxicos que contaminam as águas, os ali-

mentos e os corpos.

Além do Ano de Jubileu vivenciado pela Igreja Católica, diversas outras motivações conduziram para que este tema fosse sugerido pela Comissão Episcopal Especial para a Ecologia Integral e Mineração: os 800 anos do Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis; os 10 anos de publicação da Carta Encíclica Laudato Si’ e a recente publicação da Exortação Apostólica Laudate Deum pelo Papa Francisco; os 10 anos de criação da Rede Eclesial PanAmazônica (REPAM) e a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 30), no próximo mês de novembro de 2025 em Belém (PA), a primeira na Amazônia.

Ouvir os gritos de socorro que vêm da terra, das águas e das florestas nos diversos biomas brasileiros é apenas o primeiro passo para entender a dimensão do caminho no qual a sociedade está trilhando. No Brasil, os dados parciais de Conflitos no Campo do 1º semestre de 2024, publicados pela CPT no final do ano passado, revelam tendências desastrosas

para a convivência dos povos e comunidades em relação ao meio em que estão inseridos: alto índice de incêndios criminosos, contaminação recorde por agrotóxicos através da pulverização aérea (principalmente com uso de drones), além dos impactos da crise climática.

O país sofreu com situações extremas como as fortes inundações que deixaram submersos ao menos 5 assentamentos e atingiram mais de 300 famílias camponesas no Rio Grande do Sul, tanto pela chuva quanto pela perda das produções agroecológicas e animais. Cerca de 145 comunidades quilombolas foram impactadas em 70 municípios, afetando mais de 17 mil pessoas. Nas comunidades indígenas, mais de 9 aldeias do povo Guarani ficaram em situação crítica.

Por outro lado, no Norte do país, as secas dos rios causaram severos impactos às comunidades, sobretudo ribeirinhas e indígenas. No Acre, o começo do ano veio com fortes chuvas e alagamentos, seguidos de secas recorde poucos meses depois, acompanhadas dos incêndios criminosos e desmatamentos, prejudicando a navegação, a produção de alimentos, a pesca e a saúde das populações, dentre outros danos. Foram 100 casos de desmatamento ilegal e 20 de incêndios criminosos, em sua maioria causados por fazendeiros.

Os povos e comunidades do campo, das águas e das florestas também denunciam a atuação do Estado, que em suas diferentes esferas é também responsável pelos cenários da violência aliada à destruição ambiental. Os grandes empreendimentos, sejam eles para exploração de minério, petróleo e gás, geração de energia ou escoamento de commodities para o exterior, são responsáveis por uma parcela considerável dos conflitos, vide o número de violências relacionadas não só à ausência de consulta prévia nos territórios, como a diversos outros impactos dessas atividades.

“Estamos no decênio decisivo para o planeta! Ou mudamos, convertemo-nos, ou provocaremos com nossas atitudes individuais e coletivas um colapso planetário. Já estamos experimentando seu prenúncio nas grandes catástrofes que assolam o nosso país. E não existe planeta reserva! Só temos este! E, embora ele viva sem nós, nós não vivemos sem ele. Ainda há tempo, mas o tempo é agora! É preciso urgente conversão ecológica: passar da lógica extrativista, que contempla a Terra como um reservatório sem fim de recursos, donde podemos retirar tudo aquilo que quisermos, como quisermos e quanto quisermos, para uma lógica do cuidado”, afirma o texto-base da Campanha, do qual selecionamos alguns trechos na pág. 14 (Bíblia).



Diversos elementos compõem a identidade visual da Campanha da Fraternidade Ecológica Integral para São Francisco de Assis, a espiritualidade, a flor-de-são-francisco.

Mesmo com este cenário difícil, é tempo de ações de mudança de hábito, mudanças culturais pessoais, familiares e comunitárias. Como afirma o Papa Francisco na exortação “Laudate

FRATERNIDADE

# Para o cuidado com a Criação



da Campanha da Fraternidade 2025, com destaque para a fauna brasileiras e a desigualdade das cidades

Deum”, o simples fato de mudar estes hábitos “alimenta a preocupação pelas responsabilidades não cumpridas pelos setores políticos e a indignação contra o desinteresse dos poderosos.”

Paulo Augusto Cruz/CNBB

Movimentos como a “Missão Sementes de Solidariedade” no Rio Grande do Sul (organizada pela Cáritas e mais de 20 organizações, incluindo a CPT), bem como as ações protagonizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), mobilizando doações de sementes, mudas, alimentos e outros itens de necessidade básica para as famílias atingidas no campo e na cidade, as Teias e Redes protagonizadas pelos povos e comunidades, são exemplos de resistência e ação profética para a transformação de mentalidades, na retomada de estilos de vida reconciliados com a Criação, entendendo que somos interligadas e interligados nesta Casa Comum, como se fôssemos um - o que realmente somos.

**Identidade visual**

Diversos elementos compõem a identidade visual da Campanha da Fraternidade 2025, que tem arte em estilo de colagem, de autoria de Paulo Augusto Cruz, da Assessoria de Comunicação da CNBB. Nela está representado, em destaque, São Francisco de Assis, um exemplo de vida que se baseava na reconciliação com Deus, com os irmãos e irmãs e com toda a criação. O recorte é da obra do período barroco “Êxtase de São Francisco de Assis”, de Jusepe De Ribera.

A cruz como elemento central na espiritualidade quaresmal e franciscana; a natureza, a fauna e flora brasileiras representadas pela araucária, o ipê amarelo, o igarapé, o mandacaru, a onça pintada e as araras canindés; as cidades com prédios e favelas, refletindo um Brasil a cada dia mais urbano, com multidões aglomeradas e sobrevivendo num estilo de vida distante da natureza e altamente prejudicial à vida.

**Oração da CF 2025**

Ó Deus, nosso Pai, ao contemplar o trabalho de tuas mãos, viste que tudo era muito bom!  
O nosso pecado, porém, feriu a beleza de tua obra, e hoje experimentamos suas consequências.

Por Jesus, teu Filho e nosso irmão, humildemente te pedimos:  
dá-nos, nesta Quaresma, a graça do sincero arrependimento e da conversão de nossas atitudes.

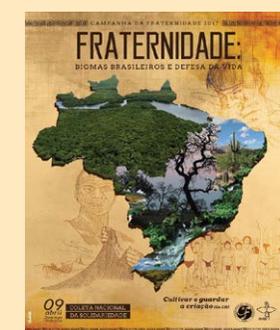
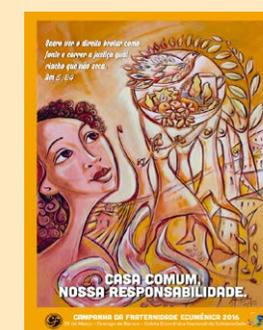
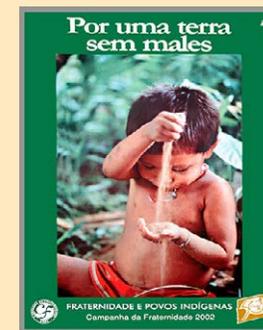
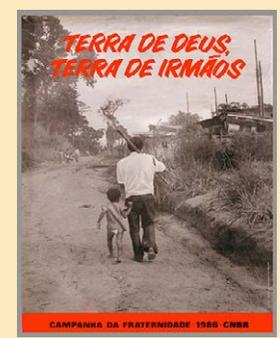
Que o teu Espírito Santo reacenda em nós a consciência da missão que de ti recebemos:  
cultivar e guardar a Criação, no cuidado e no respeito à vida.

Faz de nós, ó Deus, promotores da solidariedade e da justiça. Enquanto peregrinos, habitamos e construímos nossa Casa Comum, na esperança de um dia sermos acolhidos na Casa que preparaste para nós no Céu.

Amém!

**AO LONGO DA HISTÓRIA**

A Ecologia é a questão mais tratada pelas CF's ao longo destes 61 anos de existência, sendo 8 Campanhas que abordaram essa temática:



## CPT

## 50 ANOS

# Em seu Ano Jubilar, CPT abre as portas para seu V Congresso Nacional, que será realizado em julho, no Maranhão

Esta edição traz como tema "CPT 50 anos - Presença, Resistência e Profecia" e o lema "Romper Cercas e Tecer Teias: A Terra a Deus Pertence! (cf. Lv 25)"

**Júlia Barbosa**

julia@cptnacional.org.br

Em 2025, quando completa 50 anos, a CPT está vivendo seu Ano Jubilar. Para as igrejas, o Jubileu simboliza um tempo de perdão, de reconciliação e renovação da fé, um tempo de libertação e graça. Para CPT, também é momento de memória e celebração da caminhada de cinco décadas ao lado dos povos da terra, das águas e das florestas, e de reafirmação de sua missão enquanto presença solidária e profética, que presta um serviço educativo e transformador na vida dos pobres da terra. Mais que isso, é momento de voltar as escutas para as vozes dos povos, entoadas pelas realidades vividas em seus territórios de vida e luta. Assim, revigorar a força político-pastoral para continuar o enfrentamento ao modelo de sociedade imposto pelo Estado e pelo capital.

Com as reflexões que instiga e convoca o Ano Jubilar, a CPT já identifica seus muitos motivos para se reunir em Congresso, que em sua quinta edição, será guiado pelo tema "CPT 50 anos - Presença, Resistência e Profecia" e o lema "Romper Cercas e Tecer Teias: A Terra a Deus Pertence! (cf. Lv 25)". Para esta grande celebração, a

cidade de **São Luís, capital do Maranhão**, acolherá cerca de 1.000 participantes, entre camponeses e camponesas, povos tradicionais e originários, agentes pastorais e parceiros de luta, entre os dias **21 e 25 de julho de 2025**.

O Congresso será o momento em que a CPT abrirá suas portas, em sintonia com o Jubileu, que simboliza a abertura dos céus. "Essa é uma das motivações que faz com que a gente, nos 50 anos, se volte para esses momentos coletivos de grandes escutas. Esse é o momento de ouvir quais são os gritos, os clamores, as angústias e aflições que vivem os povos e comunidades hoje. O Congresso é esse espaço em que a CPT se abre e abre todas as portas", reflete Cecília Gomes, coordenadora nacional da CPT. Ela ainda expressa que a Pastoral, convocada pela memória subversiva do evangelho, tem seu serviço motivado pela fé, mas uma fé que se torna vida quando se trabalha na perspectiva da transformação das realidades.

Essa transformação é resultado de longos e violentos processos, e a coordenadora destaca que a luta não finda com a conquista, mas que os desafios continuam para a permanência na terra, e por isso a presença da

CPT junto aos povos se reafirma em seus processos de luta. "Nós somos uma pastoral da fronteira. A gente vai onde ninguém consegue chegar. As comunidades afirmam isso. A CPT é essa presença nos momentos mais difíceis, mas também nos de vitória, lutando junto aos povos", conclui.

“ A CPT é sol em dias turbulentos. Como o sol que brilha todas as manhãs, presente, assim é a CPT na vida de nossas comunidades”

- Mensagem da Comunidade Quilombola Alto Alegre, em Morrinhos/CE.

## Um olhar para o futuro inspirado pelas origens

Com os desafios, conquistas e aprendizagens ao longo dessas cinco décadas de vida e luta, a CPT irá olhar para o futuro, com novos e velhos enfrentamentos que se colocam no caminho à frente, mas compreendendo a conjuntura presente e se renovando nas águas da fonte. "Nós estamos celebrando 50 anos e me parece que, na luta pela terra, no avanço, na reforma agrária, pouco tem sido feito. A gente volta para o espírito originário da CPT, que é o da luta pela terra, da resistência camponesa. Celebramos 50 anos em meio a esse caos também, da retirada,

inclusive, do direito e da posse dessas famílias. Então, a CPT é convidada, mais uma vez, a continuar sendo essa presença", destaca Cecília.

“ A CPT é uma luz de esperança que ilumina os caminhos da justiça social e da defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais”

- Antônio Jardiel, jovem da Comunidade Tradicional Zundão dos Binhas, em União/PI.

Com as reflexões propostas a partir do tema e lema do V Congresso, a CPT irá trabalhar

sobre a presença da Pastoral ao lado dos povos e comunidades tradicionais do país, colaborando com instrumentos para o fortalecimento do seu protagonismo. Ainda, a resistência insurgente dos povos diante das violências empreendidas pelos capitalistas do campo, levantando um grito de profecia, com a denúncia das injustiças e o anúncio do bem viver nas comunidades. A Pastoral propõe, também, refletir sobre as cercas, velhas e novas, a serem rompidas, e sobre as teias de resistências e possibilidades a serem tecidas coletivamente, rumo à Terra Sem Males.



Vanessa Diniz

## DIREITOS

## ENFRENTAMENTO

# No Pará, povos indígenas precisam lutar para garantir direito à educação nas comunidades

Ocupação que mobilizou indígenas, quilombolas e professores exigia a revogação da Lei Estadual 10.820/2024 do Pará, estado que irá sediar a COP30 este ano

**Heloisa Sousa**

heloisa@cptnacional.org.br

Spray de pimenta, portões trancados, privação de água e energia. Assim, o governo do Pará tratou cerca de 400 indígenas de dez povos que ocuparam a Secretaria de Estado de Educação (Seduc), em Belém (PA), além de impedir o acesso da imprensa ao local. As manifestações se iniciaram no dia 14 de janeiro exigindo a revogação da Lei Estadual 10.820/2024.

Aprovada a portas fechadas e com a presença da Polícia Militar, que reprimiu professores que se posicionavam contra a decisão, a lei permite a substituição do regime de aulas presenciais por aulas exclusivamente virtuais nas escolas indígenas do estado. Além disso, altera o plano de gratificações do Sistema Modular de Ensino (Some) e de sua versão para os povos indígenas (Somei), recurso que viabiliza a educação nos locais mais remotos.

Em 22 de janeiro, cerca de 60 quilombolas da Associação de Moradores e Agricultores Remanescentes Quilombolas do Alto Acará (Amarqualta) se somaram à

ocupação. No dia 23, o Sindicato dos Trabalhadores de Educação Pública do Pará (Sintepp) entrou em greve em apoio aos indígenas.

Após semanas de mobilização, no dia 12 de fevereiro a lei foi, enfim, revogada. Para Dom José Ionilton, presidente da CPT, que esteve no acampamento organizado durante as manifestações, essa revogação mostra o poder da organização popular. “Vale a pena a gente continuar apostando no valor da articulação, na força das comunidades que se organizam na busca da conquista de seus direitos. Isso foi fundamental”, explica.

Além da presença de Dom Ionilton, representando a Pastoral, a CPT Pará também esteve acompanhando as mobilizações. Ao lado de outras Pastorais Sociais, a regional Pará deu suporte logístico, buscando água e alimentos para os acampados. “Foi uma presença no sentido de dizer ‘vocês não estão sozinhos na luta, contem conosco’. Também foi uma presença articuladora, a CPT, junto com as outras pastorais, ajudou com a organização da vida religiosa e de defesa de uma causa que também é nossa”, completa.



João Paulo Guimarães

falsas soluções climáticas, como o mercado de carbono, estiveram na pauta. Ainda, apesar do discurso do governo brasileiro sobre a proteção da floresta amazônica, o plano da Petrobras de explorar petróleo na foz do Amazonas vem sendo defendido pelo governo.

Pensando em um espaço em que os povos da terra e das águas estejam nas mesas de decisões, cerca de 40 organizações da sociedade civil, incluindo a CPT, se reuniram em agosto de 2024 para pensar uma COP para o povo. Na COP30, apenas pessoas credenciadas terão espaço de fala.

“Queremos que nossas reivindicações sejam apresentadas por nossos representantes e não por pessoas que dizem falar por nós. Não há Justiça Climática sem o reconhecimento, a proteção e a participação dos povos e comunidades que milenarmente preservam e protegem a Amazônia e demais biomas do mundo!”, destaca um trecho da carta que saiu do encontro.

Dom Ionilton conta ainda que diversas atividades de rua, como manifestações, caminhadas, panfletagem, estão previstas para a COP do Povo. “Essa é uma grande oportunidade para articular forças e fazer o debate. Vai servir para chamar a atenção especialmente de quem vai estar indo pra Belém pra cobertura do evento oficial”.

Comunidades cobram participação efetiva em conferências climáticas que tomam decisões que impactam o futuro de seus territórios

## COP do Povo

Será também no Pará que, este ano, ocorrerá a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. O evento anual tem o objetivo de reunir diversos países para pensar e encaminhar soluções para mitigar o impacto da crise climática. Realizada em Belém, a

COP30 coloca a Amazônia no centro do debate, mas a quem esse debate atende?

O questionamento surge pois, nas duas últimas edições da COP, realizadas em Dubai e Azerbaijão, respectivamente, a presença de lobistas ligados à indústria de combustíveis fósseis foi marcante. Nesse contexto,

## MULHERES

## CIRANDA

# Entre linhas e lutas, mulheres da CPT se reúnem para celebrar suas trajetórias

Tecendo coragem e resistência, Coletivo de Mulheres da CPT se reuniu para partilhar suas histórias, desafios e resgatar a importância feminina nos 50 anos da Pastoral

**Larissa Rodrigues**

Coordenação CPT Rondônia

**Ana Carolina Goulart**

CPT Minas Gerais

**Elaine Ferreira**

Coordenação CPT ES/RJ

Edição: Heloisa Sousa

Entre 21 e 25 de outubro de 2024, nos reunimos em Hidrolândia (GO), como Coletivo de Mulheres da CPT, para tecer nossas histórias e fortalecer nossas vozes. Viemos de diferentes lugares, trazendo no corpo-território e na memória a resistência das mulheres camponesas, indígenas, quilombolas e ribeirinhas.

Entre conversas e místicas, compartilhamos desafios, encontramos nossas trajetórias, celebramos a luta das mulheres que caminharam com a CPT nesses 50 anos em diferentes gerações e renovamos nossos compromissos com a justiça e a dignidade. Foi momento de rememorar as histórias das companheiras que contribuíram para o nosso processo de pastoral e nos ajudaram a chegar até aqui.

O encontro foi facilitado

por Elisa Estronioli, coordenadora nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), que nos apresentou a técnica das Arpilleras. Nessa técnica têxtil, que tem raízes numa tradição popular iniciada por um grupo de bordadeiras de Isla Negra, no litoral chileno, retalhos e sobras de tecidos são bordados sobre sacos de batatas ou de farinhas. Com agulhas e linhas as mulheres denunciavam as violências sofridas na ditadura, transformando tecido em símbolo de luta e esperança.

Na sinergia do nosso coletivo, nos dividimos em grupos e, juntas, demos formas as nossas dores, felicidades e indagações utilizando a arte das arpilleras. Como parte desse processo, escrevemos uma carta para cada uma das cinco arpilleras confeccionadas, que carregam o sentido e o sentimento de quem as borda, como um grito libertário:

*“Convertemos nossa arte na linha do tempo, simbolizando anseios e desejos. Retratar a igreja que nos acolhe, nos prende e nos liberta. A ciranda, a música, a dança, o sorriso nos animam nos processos*

*de defesa das águas, da terra e das florestas, em suas várias formas de vida. Acreditamos na agroecologia como modo de vida que alimenta os povos e constrói a casa comum. As quebradeiras de coco resistem pela terra e pela palmeira de babaçu, que para elas é a ‘mãe de leite’. Não existe território livre com corpos presos, não existem corpos livres com palmeiras presas.”*

Também ecoamos denúncias:

*“Nossas realidades estão marcadas pela violência: povos indígenas assassinados, camponeses expulsos pela grilagem, mineração que envenena as águas, queimadas que destroem florestas para dar lugar ao gado e à monocultura. Oferecemos nossas arpilleras como grito de denúncia e resistência diante de tudo que enfrentamos em nossos territórios.”*

Mas não foi só a dor que nos uniu:

*“A dor e a alegria de ser mulher, filha, mãe, companheira e agente de pastoral, nos acompanha todos os dias. Sob o peso das tarefas cotidianas, o assédio moral e sexual, a misoginia, o machismo, o impedimento da participação efetiva em espaços de decisão e políticos, a desqualificação. Nós somos resistência.”*

Reafirmamos nossas iden-

tidades e a força das mulheres que constroem a Pastoral em cada território:

*“Somos desafiadas diariamente a nos reinventar e reescrever nossas histórias. E não é qualquer história. É uma história coletiva, que lembra as mulheres que vieram antes de nós, as companheiras que caminham ao nosso lado hoje e aquelas que virão depois.”*

Nosso grito foi um eco das vivências, dores e resistências, conectando passado, presente e futuro no Jubileu da CPT:

*“Somos descendentes da Mãe-Terra que enraíza em cada uma de nós, de diferentes territórios do Brasil. Dançamos ciranda em coletivo, porque nem sempre nas instâncias de nossas organizações somos ouvidas, temos espaço ou vez.”*

Esses relatos expressam a voz de mulheres agentes, coordenadoras, conselheiras e voluntárias que, com coragem e amor, tecem lutas e esperanças nos caminhos da CPT.

Somos muitas! Somos resistência viva!



## NUESTRA AMÉRICA

### Preocupado com deportação de migrantes, papa envia carta a bispos dos EUA

No dia 11 de fevereiro, o Papa interveio sobre a “importante crise que está ocorrendo nos Estados Unidos devido ao início de um programa de deportação em massa”, iniciado pela nova administração dos EUA, após a posse de Donald Trump. Francisco, que garante estar acompanhando a situação “de perto”, enviou – em 11 de fevereiro – uma carta aos bispos do país para expressar proximidade e apoio nestes “momentos delicados”, conforme classificou no documento.

“O ato de deportar pessoas que, em muitos casos, deixaram a própria terra por razões de extrema pobreza, insegurança, exploração, perseguição ou grave deterioração do meio ambiente, fere a dignidade de tantos homens e mulheres, de famílias inteiras, e os coloca em um estado de particular vulnerabilidade”, afirma o Papa Francisco em uma passa-



Divulgação/Casa Branca

O pontífice qualificou o programa de deportação em massa como uma “crise”.

gem da missiva, dividida em dez pontos.

Em suas linhas finais, ele se dirige aos fiéis católicos e aos homens e mulheres de boa vontade, apelando para que “não cedam às narrativas que discriminam e fazem sofrer desnecessariamente os nossos irmãos e irmãs migrantes e refugiados”. “Com caridade e

clareza, somos todos chamados a viver na solidariedade e na fraternidade, a construir pontes que nos aproximem cada vez mais, a evitar os muros da ignomínia e a aprender a dar a nossa vida como Jesus Cristo a ofereceu, para a salvação de todos.”

Fonte: Vatican News

### Mapuches repudiam fala de ministra sobre relação de seu povo com incêndios na Araucanía

Lideranças do povo indígena mapuche, do Chile, repudiaram as declarações de Carolina Tohá, ministra do Interior e Segurança Pública do país andino, que atribuiu a responsabilidade pelos incêndios florestais na região centro-sul do país às “reivindicações territoriais” dos indígenas na ‘Araucanía’ – território ancestral mapuche marcado por conflitos e violência.

O líder da Coordenadoria de Territórios de Wallmapu (território ancestral Mapuche), José

Santos Millao, negou categoricamente a acusação. “Os mapuches não estão ligados aos incêndios que eclodiram”, disse Santos.

O líder mapuche também vinculou a crise ambiental ao “modelo econômico”, apontando que “o planeta queima devido à exploração excessiva da natureza”.

A fala de Tohá causou rejeição imediata na Araucanía – onde se concentravam sete dos 13 incêndios ativos, relatados até o dia 14 de fevereiro pela Corporação

Nacional Florestal (CONAF).

Por sua vez, o governador regional, René Saffirio, descreveu as declarações da ministra como “irresponsáveis”, juntando-se ao coro de críticas. Enquanto isso, o Bloco de Força Mapuche exigiu em um comunicado que o governo “esclareça essas declarações para não alimentar o ódio”, enfatizando que “em momentos críticos, o confronto não é uma solução”.

Fonte: teleSURtv.net

### Violência e massacres assolam áreas rurais do Brasil e Colômbia



Reprodução/Via Campesina

Representantes da Via Campesina destacam reforma agrária como solução.

Em meados de janeiro, a Colômbia foi abalada por uma onda alarmante de violência, que resultou em mais de 100 mortes e pelo menos 11.000 pessoas deslocadas. Os confrontos entre grupos guerrilheiros – o Exército de Libertação Nacional (ELN) e facções dissidentes das FARC – aumentaram em regiões de fronteira com a Venezuela e a Amazônia.

“Apesar de todo o arcabouço institucional, as respostas permanecem muito limitadas e garantem uma pequena garantia contra a extrema onda de violência e do apoio necessário para as vítimas”, declara Eliana Zafra, representante da Via Campesina na América do Sul.

Já no Brasil, no dia 10 de janeiro, o assentamento Olga Benário,

administrado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em São Paulo, foi atacado por um grupo armado. O ataque levou a vida de dois militantes, Gleison Barbosa de Carvalho e Valdir do Nascimento, ambos lutavam pela agroecologia e reforma agrária.

“O que aconteceu no dia 10 de janeiro no assentamento é resultado de uma intensa disputa territorial que estamos enfrentando no Brasil. O valor dos territórios conquistados pelos trabalhadores por meio da luta pela reforma agrária está agora no centro dos conflitos”, declara Márcio Santos, também representante da Via na América do Sul e militante do MST.

Fonte: La Via Campesina

## PÁGINA BÍBLICA

## CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2025

# Ver e Ouvir: Deus viu que tudo era muito bom

Nesta edição, compartilhamos alguns trechos do texto-base da Campanha da Fraternidade 2025, que faz uma análise bíblica, eclesial e social sobre o cuidado com a Criação

10. Na Carta Encíclica *Laudato Si'* [2015], o Papa Francisco nos propôs que a atitude de cuidar da Casa que Deus nos confiou se expresse no cultivo de uma Ecologia Integral. Dentre os componentes desta Ecologia Integral, a ecologia ambiental estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. (...) Na ecologia econômica, o crescimento da economia deve incluir a proteção ao meio ambiente, do qual fazemos parte. Já a ecologia social diz respeito à atuação de grupos organizados que defendem o meio ambiente e a qualidade de vida humana.

11. A ecologia cultural inclui o cuidado com as riquezas culturais da humanidade, atenção às realidades locais e valorização da linguagem popular. (...) Devemos nos empenhar pelos direitos dos povos e das culturas locais, contra a imposição da cultura única, gerada pela economia globalizada. Por fim, a ecologia do cotidiano, compreende a planificação urbana que escuta a população, a criação de espaços de convivência, o acesso à moradia, a um transporte digno etc. Portanto, a Ecologia Integral não diz respeito apenas à preservação do verde, mas a tudo que nos leva a uma vida de comunhão, respeito e colaboração

entre as pessoas e o mundo criado, no campo e na cidade.

16. Ecologia, como “economia” e “ecumenismo”, derivam de oikos (grego), que quer dizer casa. O desafio para a nossa conversão nesta Quaresma é cuidar da casa: da casa interior de cada um de nós (espiritualidade), da casa em que habitamos (família), da casa em que passamos grande parte do nosso tempo (trabalho), da casa em que nos relacionamos (cidade) etc., e da nossa Casa Comum (o planeta Terra), pois nela tudo está interligado. Tudo isso, sem nos esquecer de que “não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da que está por vir” (Carta aos Hebreus 13, 14).

### A crise socioambiental

26. A origem da crise socioambiental no mundo e no Brasil é complexa e tem muitas faces. (...) O modelo de desenvolvimento capitalista, baseado na exploração dos patrimônios naturais, na queima de combustíveis fósseis, como os derivados do petróleo, na expansão desenfreada do consumo e na relação mercantilista com a natureza, tem contribuído para uma série de problemas ambientais, como a degradação do solo, o desmatamento, o extrativismo predatório (sem o objetivo de conservar ou reconstituir),

a poluição, a escassez de água, o comprometimento da biodiversidade com a extinção de algumas espécies e as mudanças climáticas.

28. (...) Os principais biomas brasileiros - Mata Atlântica, Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pantanal e Pampa - sofrem com as sucessivas intervenções e alterações. O Cerrado, segundo maior bioma do país, é o que mais sofre com a perda de sua vegetação para dar lugar a pastagens para o gado e cultivos de soja e o plantio de eucalipto e pinus. (...) Do ponto de vista social, os conflitos fundiários, as invasões de terras indígenas e quilombolas, a violência contra ativistas ambientais e agentes de pastoral, entre outras, são evidências da profunda crise socioambiental do país.

29. Embora a crise socioambiental, provocada por uma minoria, afete a todos, os mais vulnerabilizados, como os povos indígenas, comunidades tradicionais e populações de baixa renda no campo e nas periferias das cidades, são atingidas de modo mais violento por causa das intervenções invasivas que já sofrem. Essas populações são detentoras de conhecimentos tradicionais, habilidades e organizações que podem nos ajudar a enfrentar a crise climática.

34. As mudanças climáticas são também uma ameaça à paz, alimen-

“Deus disse: ‘Façamos o ser humano, à nossa imagem e segundo a nossa semelhança. Que domine sobre os peixes do mar, as aves dos céus, os animais domésticos, todos os animais na terra, e tudo o que rasteja pela terra.’ E Deus criou o ser humano à sua imagem; criou homem e mulher. Deus os abençoou e disse-lhes: ‘Frutificai, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a.’ Deus contemplou toda a sua obra, e Deus viu que tudo era muito bom.”  
(Gen.1,26-27-28-31)

tando a competição por recursos e contribuindo para o deslocamento em massa das pessoas pobres (migrantes ou refugiados climáticos). (...) Apesar da urgência, as ciências indicam que ainda há tempo para efetivar mudanças, embora transformações fundamentais em todos os aspectos da sociedade sejam necessárias para enfrentar esse desafio.

38. Os sinais de esgotamento do modelo vigente (...) nos colocam diante de um dilema ético: ou mudamos nossa maneira de ser e agir no mundo, reeducando nossos hábitos e costumes na relação com toda a criação, cumprindo nossa missão de cultivá-la e guardá-la; ou deixaremos para as gerações futuras uma Casa Comum insustentável, contrariando os desígnios do Deus Criador.

### A importância de uma Ecologia Integral

48. É realmente preciso um profundo equilíbrio relacional com o ambiente, pois temos um forte enraizamento cósmico, já que viemos do pó (Gn 2,7a) e “o nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta” (Laudato Si). (...) Mas também temos um singular enraizamento teológico, pois o Criador, ao nos criar, soprou seu hálito divino em nossas narinas (Gn 2,7b), fez-nos à sua imagem e semelhança (Gn 1, 26-27).

### Conversão Ecológica

57. Para que a conversão ecológica se realize, é necessário reconhecer que não temos correspondido à nossa vocação de guardiões da Casa Comum, missão colocada em nossas mãos por Deus Criador, nem tampouco à amizade e fraternidade comuns deixadas por Jesus Cristo. Ou seja, a contrição, reconhecer nossos pecados e pedir perdão a Deus e aos outros, que é tão acentuada na Quaresma. (...)

61. Ao ver a complexidade dos desafios que temos pela frente, fica clara a importância de uma abordagem profética, ousada e sistêmica para enfrentar a crise socioambiental. Além das pequenas ações que estão ao alcance de nossas mãos, fazem-se necessárias também mudanças estruturais no âmbito da política, da economia e da ética, para superar a crise que nos assola. Para tanto, alternativas como a Economia de Francisco e Clara e o Pacto Educativo Global, propostos pelo Papa Francisco, estimulam iniciativas criativas. (...) “Muitos grupos e organizações da sociedade civil ajudam a compensar as debilidades da Comunidade Internacional, a sua falta de coordenação em situações complexas, a sua carência de atenção relativamente a direitos humanos fundamentais” (Fratelli Tutti, Laudate Deum).

## EXPERIÊNCIAS

## MOVIMENTOS

## Redes e Teias fortalecem as resistências dos povos

Articulações e encontros promovem diálogos e trocas de experiências de vida e luta nos territórios

**Júlia Barbosa e Carlos H. Silva**  
 comunicacao@cptnacional.org.br  
 julia@cptnacional.org.br

A organização dos povos e comunidades do campo, das águas e das florestas é prova que, em coletivo, se caminha melhor e mais longe. Em uma disputa desigual, em que medir forças com o latifúndio parece uma batalha perdida, é a união de saberes e formas de resistência que ascende às possibilidades de vitória na luta coletiva pelo bem viver e por corpos e territórios livres. Em redes e teias, os povos entrelaçam a defesa e proteção dos territórios e de sua sociobiodiversidade, a soberania alimentar, as relações de gênero, o autogoverno, as ancestralidades e tantas outras formas de resistência.

#### Na retomada da luta, a vida floresce

Saudando a terra e as águas de um território marcado de resistências, o 15º Encontro da Teia de Povos e Comunidades Tradicionais foi acolhido pela Comunidade Camponesa Alegria, em Timbiras-MA. Ao som de tambores e maracás, uma diversidade de povos camponeses, originários e tradicionais teceram suas experiências de vida e enfrentamento às violências, para o fortalecimento da luta comum em defesa da terra e território.

A Teia foi encantada pela mística e espiritualidade dos povos, mas também foi momento

de escuta de suas vozes, clamores e denúncias, pelos ataques do agronegócio e seu projeto de morte, sendo constantemente ameaçados e impedidos de terem uma vida plena e digna. Mesmo com essa realidade violenta, os povos seguem cantando e dançando suas resistências e re-existências, tecendo teias para romper cercas.

“Cada teia é um novo momento para avançarmos nas nossas lutas, para o nosso fortalecimento e valorização dos nossos territórios” - Rosa Gregório, quebradeira de coco e articuladora da Teia dos Povos.

#### Gritos insurgentes ecoam pelo Cerrado

Com o tema “Das re-existências brota a vida”, o Encontro de Comunidades e Povos do Cerrado, realizado no Território Tradicional Melancias, no Piauí, reuniu diversas identidades camponesas a fim de promover o diálogo, o fortalecimento e a troca de saberes entre comunidades, povos tradicionais e movimentos sociais que lutam pela preservação do Cerrado, berço das águas e fonte de vida.

O Encontro contou com plenárias, rodas de conversa e oficinas formativas com temáticas voltadas para o fortalecimento das resistências, além de uma feira camponesa para troca de sementes. Durante todo o evento, a cultura, a mística e a ancestralidade dos povos reafirmaram

seus modos de vida, promovendo reflexões profundas sobre as re-existências que continuam a brotar frente à violência. O Encontro confirmou que “na luta do povo ninguém se cansa”, em defesa da vida e da dignidade das comunidades que resistem na luta por direitos plenos e pela permanência em seus territórios.

“Somos povos diversos e nossas causas são comuns, pois somos unidos pela resistência” - Ariomara Alves, liderança do Território Tradicional ribeirinho-brejeiro da Barra da Lagoa-PI, durante o Encontro de Comunidades e Povos do Cerrado.

#### Em Rondônia, uma Rede que caminha e tece o Bem Viver

Cerca de 200 pessoas de comunidades seringueiras, quilombolas, indígenas, ribeirinhas e agricultoras se reuniram na Comunidade Pompeu, da Resex Rio Ouro Preto, em Guajará-Mirim, no 5º Encontro da Rede dos Povos e Comunidades Tradicionais de Rondônia. O encontro, marcado pela mística, trocas, reflexões e acolhimento, discutiu estratégias para enfrentar as ameaças dos povos e comunidades tradicionais aos seus territórios, reafirmando a importância da ancestralidade e da união na luta por direitos.

Representantes de comunidades do sul do Amazonas e da Bolívia também estavam presentes, compartilhando suas preocupações diante dos crescentes ata-



Júlia Barbosa

A ancestralidade e espiritualidade dos povos fortalecem as lutas pelo bem viver

ques aos territórios, rios, florestas e povos, demonstrando que a luta pelo bem comum ultrapassa as fronteiras coloniais.

“Nós, moradores do Vale do Guaporé, vamos continuar fazendo ecoar a nossa voz, demonstrando a nossa preocupação com as ações do presente, lembrando as falhas do passado e traçando a partir de agora um futuro melhor. Um futuro onde as ações sejam de fato voltadas para o Bem Viver dos povos e comunidades tradicionais” - José Amaral, indígena Cujubim, durante o Encontro da Rede de Povos e Comunidades Tradicionais de Rondônia.

#### Redário dos Povos Amazônicos chama a atenção para a crise climática

O município de Santarém/PA foi sede do 1º Redário dos Povos Amazônicos. O evento teve como objetivo promover o encontro dos povos do campo, das águas e florestas, de diversas comunidades e territórios do maior bioma brasileiro, além de movimentos popula-

res e organismos da Igreja.

Dentre os principais temas discutidos, a emergência climática que tem trazido situações extremas de seca, queimadas, além das ameaças por empresas, fazendeiros, latifúndios e pelo próprio Estado. A programação também teve incidência no INCRA, onde as lideranças reivindicaram políticas públicas para os territórios e assentamentos, e também visita para conhecer a experiência de luta e resistência da comunidade do Jatobá, em Mojuí dos Campos.

Conectando os povos e promovendo aproximações, estas redes, articulações, redários e teias são espaços que estimulam a aproximação, a troca de experiências e o entendimento das comunidades de que os desafios que enfrentam são comuns, pensando em estratégias de enfrentamento coletivo aos males causados pelos grandes empreendimentos, pelo agronegócio e a ineficiência do Estado em seus territórios.

GALERIA

# Antônio Canuto PRESENTE!

“É da maior importância a indignação  
diante dos que concentram a terra, dos  
que se locupletam às custas do sangue  
e suor dos trabalhadores do campo”

Antônio Canuto, no texto 'Uma vez  
CPT, sempre CPT', do livro CPT 40  
anos de Fé, Rebelião e Esperança



Fotos: Douglas Mansur e Joka Madruga | Arte: Júlia Barbosa

### Contribua com o trabalho da CPT, assine o Jornal Pastoral da Terra!

Assinatura Anual: R\$ 30,00 | Solidária: R\$ 50,00 | Exterior: US\$ 20,00

#### Dados para Depósito ou Transferência:

Comissão Pastoral da Terra  
Caixa Econômica Federal  
Agência 2234  
Conta 578974105-0

Iban BR49 0036 0305 0223 4578 9741  
050C 1 | SWIFT CEFXBRSP  
Pix/CNPJ: 02.375.913/0001-18

Envie seu comprovante, endereço para  
envio do jornal, dúvidas e sugestões para:

E-mail:

sustentabilidade@cptnacional.org.br

WhatsApp:

(62) 99268.6837

CHEGA DE  
ESCRavidAO  
.ORG.BR



### Comissão Pastoral da Terra

#### Correios

Impresso  
Pode ser aberto pela ECT

Secretaria Nacional:  
Rua 19, nº 35, Ed. Dom Abel,  
1º andar, Centro. CEP  
74.030-090 - Goiânia-GO

Impresso

Via Aérea